



“EDUCAÇÃO DO CORPO” COMO CONTEÚDO DE UM CURSO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Helena Altmann – UNICAMP
Carlos José Martins – UNESP

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo debater a temática do corpo como sendo constituído social e historicamente por discursos e práticas, nos quais a educação física ocupa um lugar relevante. O afastamento crítico em relação a uma concepção naturalizante e imutável de corpo pode ser concebido como uma prática de liberdade, pois possibilita a reinvenção de novas práticas educativas e o reconhecimento de novas configurações corporais. A reflexão desenvolvida neste trabalho é oriunda de material didático elaborado para um curso de educação à distância, modalidade especialização, baseado no Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo. Este trabalho apresenta parte do conteúdo elaborado para a disciplina intitulada “Eixos Temáticos para o Ensino Médio: Corpo, Saúde e Beleza; Contemporaneidade”.

Palavras-chave: corpo, educação física, educação à distância

“EDUCATION OF THE BODY” AS CONTENT OF A DISTANCE EDUCATION COURSE

ABSTRACT

This paper aims to discuss the theme of the body as being constituted socially and historically by discourses and practices, in which physical education occupies an important place. To take a critical distance from a naturalistic and immutable conception of the body can be conceived as a practice of freedom, since it allows the reinvention of new educational practices and recognition of new configurations of the body. The discussion developed in this work comes from teaching material prepared for a course of distance education, as a specialization lato sensu, based on the Curriculum of Physical Education of the State of São Paulo. This paper presents some of the content developed for the course entitled "Transversal Themes for High School education: Body, Health and Beauty; Contemporaneity".

Key-words: body, physical education, distance education

“EDUCACIÓN DEL CUERPO” COMO CONTENIDO DE UN CURSO DE EDUCACIÓN A DISTANCIA



RESUMEN

Este artículo se propone discutir el tema del cuerpo como socialmente e históricamente constituido por discursos y prácticas, en los que la educación física ocupa un lugar importante. La distanciamiento crítica de una concepción naturalista e inmutable del cuerpo puede ser concebida como una práctica de libertad, ya que permite la reinvenção de nuevas prácticas educativas y el reconocimiento de nuevas configuraciones del cuerpo. El debate desarrollado en este trabajo proviene de material didáctico preparado para un curso de educación a distancia, en la modalidad de especialización lato sensu, basada en el Currículo de Educación Física del Estado de São Paulo. Este trabajo presenta parte del contenido preparado para el curso titulado "Ejes temáticos para la Escuela Secundaria: cuerpo, salud y belleza; contemporaneidad".

Palabras clave: *cuerpo, educación física, educación a distancia*

Introdução

Esse trabalho tem por objetivo debater a temática do corpo como sendo constituído social e historicamente por discursos e práticas, nos quais a educação física ocupa um lugar importante. A escola, como um todo, e a educação física, em particular, educam o corpo. O afastamento crítico de uma concepção natural e imutável de corpo, pode ser concebido como uma prática de liberdade, pois possibilita a reinvenção de novas práticas educativas e o surgimento de novas configurações corporais.

Tal discussão é oriunda da elaboração de material didático de um curso de educação à distância, modalidade especialização, voltado professores/as de educação física da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. O curso está baseado no Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo, o qual estabelece uma base comum dos conteúdos a serem aprendidos por alunas e alunos, sobre a qual as escolas públicas estaduais possam construir projetos pedagógicos próprios e diferenciados. Aqui apresentamos parte do trabalho produzido para a disciplina intitulada "Eixos Temáticos para o Ensino Médio: Corpo, Saúde e Beleza; Contemporaneidade".

Essa disciplina não parte do corpo, da saúde e da beleza como dados permanentes ou como a prioris, mas como concepções historicamente construídas, que ganham configurações específicas e diversificadas na contemporaneidade. O mesmo pode ser pensado em relação aos conteúdos da educação física.

Além disso, considerando que o Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo adota uma perspectiva cultural, destacando os conceitos de "se-movimentar" e "cultura de movimento", torna-se igualmente importante pensar o corpo a partir de outra perspectiva, que não seja exclusivamente biológica. A intenção é que a perspectiva de corpo trabalhada nessa disciplina, contribua para que os docentes, autores da sua prática pedagógica, construam novas possibilidades no ensino diário na sua escola. Entendemos estar aí nossa possibilidade de contribuição na sua formação.



1. Do corpo

O corpo, por mais que inicialmente nos pareça algo natural, que não varia no tempo e no espaço, quando pensado a partir da perspectiva da história, da cultura ou da arte, ganha novos contornos. Em outras palavras, se repararmos bem, as maneiras de tratar, significar e valorar o corpo quanto a aspectos relacionados à sua saúde ou a falta dela; quanto à sua beleza ou feiúra, ou, quanto aos seus atributos masculinos e femininos variaram muito, tanto de cultura para cultura, quanto ao longo da história. Portanto, trata-se de colocar em foco um olhar sobre o corpo constituído necessariamente pelo tempo e pelo contexto. Para tanto, é preciso nos deslocar com relação às abordagens que recorrentemente fazem do corpo algo fixo, imutável, permanente e invariável.

Esta forma de pensar o corpo contrasta com a perspectiva sobre a qual a educação física se inseriu na escola. Olhando para sua história, veremos que a educação física se inseriu nesse espaço a partir de uma concepção anátomo-fisiológica de corpo (SOARES, 1996), a qual exerce influências sobre sua prática até os dias de hoje. Não se trata de negar a dimensão anatômica e fisiológica do corpo, mas é fundamental que não se reduza o mesmo a esta e nem mesmo que se eleja esta dimensão como sendo a mais fundamental ou mais verdadeira. É neste tipo de supervalorização do aspecto biológico que se corre o risco de naturalização de aspectos corporais que, em verdade, têm fortes componentes de ordem cultural. Por exemplo, quando se separou meninas e meninos em instituições diferentes ou dentro do mesmo ambiente escolar atribuindo-lhes papéis e atividades distintas, supostamente baseado em razões de ordem biológica, construiu-se uma forma de segregação naturalizada. Hoje em dia, quando estas crenças foram postas em questão, sabe-se perfeitamente que carecem de qualquer fundamento.

A educação do corpo também ocorre a partir das maneiras de vesti-lo. Carmen Lúcia Soares (2010) mostra como as roupas em geral e, em particular, as roupas esportivas foram se transformando ao longo do tempo, revelando e constituindo diferentes formas de educar o corpo. A primeira participação do Brasil nos Jogos Olímpicos Modernos, em 1920, impulsionou a cultura do corpo, da educação física e do esporte no país – o que terá efeitos sobre a educação física escolar que, a partir da década de 1940, passará por um intenso processo de esportivização. Aos poucos, tornavam-se necessárias roupas específicas para as práticas esportivas. Se, num primeiro momento as prescrições de roupas seguiam os “cânones da saúde”, com prescrições de roupas leves, largas e confortáveis, mais tarde, a partir da década de 1940 e 1950, elas vão ser associadas a performance, melhorando a técnica e potencializando o gesto esportivo. As questões de ordem estética também passam a ser consideradas. A roupa revelava e constituía um corpo forte e ágil, o qual passava a ser valorizado na cultura da sociedade urbana.

Deste modo, a perspectiva de educação física que fundamenta o Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo, exige pensar o corpo sob outra perspectiva. A partir de imagens que mostram corpos e segmentos de corpos, são analisadas distintas formas de olhar, revelar e ocultar o corpo, configurando-o de formas distintas. Uma cintura fina pode ser moldada por espartilhos ou por exercícios ginásticos. Trata-se de duas concepções distintas de corpo: se o espartilho corrigia o corpo de forma estática imobilizando-o, a ginástica delineia sua musculara através de exercícios dinâmicos. Enquanto uma imagem publicitária explora a exterioridade do corpo mostrando músculos delineados pela prática meticulosa de exercícios abdominais, o atlas de anatomia apresenta uma visão interna e funcional do corpo, de seus músculos, ligamentos e veias. O uso do véu islâmico, recentemente proibido em espaços



públicos na França, não deixa de contrastar de forma aguda com a exposição exacerbada dos corpos em nossas culturas de consumo ocidentais.

As imagens possibilitam problematizar uma concepção do corpo como constituído apenas por suas características biológicas, como se ele escapasse à cultura e à história. Elas revelam que ele também é formado por uma série de práticas que o ressignificam, o constroem e o modificam. O corpo é constituído por ritmos técnicos, de trabalho, repouso e festa, ele é intoxicado por substâncias, inoculado por drogas – submetido a diferentes regimes de valores, hábitos, dietas e aconselhamentos comportamentais. Simultaneamente, ele também cria resistências.

Se por um lado a obesidade é hoje considerada um problema de saúde pública, um lutador de sumo revela que, na cultura japonesa, ao contrário do sentido negativo que frequentemente lhe é atribuída, encontramos uma valoração notoriamente positiva da obesidade na prática desta luta tradicional. Por sua vez, a nudez dos corpos indígenas não comporta o mesmo significado da nudez em nossas culturas. O trabalho molda os corpos do operário, do mineiro, da bailarina, da modelo e do jogador de basquete de formas distintas. Seus corpos têm contornos e habilidades diferenciados. A corrida de toras, presente nas práticas culturais em alguns povos indígenas, por mais que se assemelhe, do ponto de vista dos gestos, com nossas atividades esportivas, não são esportes, pois fazem parte dos rituais mítico-religiosos de suas culturas. Além disso, embora nossa sociedade adote a denominação de jogos e esportes olímpicos, em referência aos Jogos Olímpicos da antiguidade grega, realizados em homenagem aos deuses do Olimpo, nossos jogos e esportes olímpicos modernos se autonomizaram com relação aos universos míticos e/ou religiosos.

Assim, o corpo é um nó de relações, uma síntese temporária entre impulsos internos e forças externas, um processo, confluência indistinguível entre inato e adquirido, dado e construído, subjetivo e objetivo. Por conseguinte, seria ilusório procurar um divisor de águas que estabelecesse de uma vez por todas a fronteira entre a natureza e a cultura.

Tal impossibilidade também foi objeto de atenção da antropologia. Para Clifford Geertz (1989), a imagem de uma natureza humana constante pode ser uma ilusão, pois não existem de fato seres humanos não-modificados pelos costumes e lugares particulares. Segundo o autor, traçar uma linha divisória entre o que é natural, universal e constante no homem e o que é convencional, local e variável é falsificar a situação humana. Ao invés de uma concepção estratificada das relações entre fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais na vida humana, em que o ser humano é um composto de “estratos”, de “níveis”, cada um deles superposto aos inferiores e reforçando os que estão acima dele, Geertz propõe uma concepção sintética da existência humana, na qual os fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais possam ser tratados como variáveis dentro dos sistemas unitários de análise. Em outras palavras, “precisamos procurar relações sistemáticas entre fenômenos diversos, não identidades substantivas entre fenômenos similares” (GEERTZ, 1989, p. 56).

Ainda segundo Geertz, não existe natureza humana independente da cultura. A cultura não foi acrescentada a um animal acabado, foi, outrossim, um ingrediente essencial na sua produção. Os seres humanos são animais incompletos e inacabados, que se completam e acabam através da cultura. Tornar-se humano é tornar-se individual, o que ocorre sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais se dá forma, ordem, objetivo e direção à vida.

A palestra intitulada “[Corpo e cultura: a propósito de uma grande saúde](#)” (MARTINS, 2010) é utilizada para dar prosseguimento a essas reflexões. Nela, a contemporaneidade é pensada como um momento de valorização e intensa intervenção sobre o corpo. Após longo período de ênfase e de



valorização da mente e da razão, em detrimento do corpo e, em certo sentido, de desvalorização e até de demonização do corpo, no mundo contemporâneo vivemos uma hipervalorização do corpo. O corpo valorizado, porém, é também uma imagem corporal, uma imagem de um corpo perfeito e portanto, paradoxalmente, um corpo idealizado distante do corpo real de cada um de nós. No mundo atual, as tecnologias corporais nos colocam novas questões. Entre elas a constituição daquilo que, na palestra, aparece sob o nome de “culto ao corpo”. Tal culto se caracteriza pela exacerbação da busca de uma perfeição corporal e, de outro, a busca muitas vezes compulsiva de um corpo mais saudável e mais belo.

2. Escola, educação do corpo e constituição do sujeito

Inúmeras são as práticas que dão ao corpo uma conformação e um enquadramento. Imagens são sugeridas, modelos são esboçados, aconselhamentos são prescritos incitando gestos, posturas e comportamentos. O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõe os limites psicológicos, institucionais e sociais dados às condutas, ele é o suporte onde a cultura inscreve seus signos assim como seus brasões (VIGARELLO, 2001).

Pensemos, portanto, o quanto o longo processo de escolarização pelo qual uma criança passa marca o seu corpo, constituindo-a como sujeito. Na escola aprendemos mais do que conteúdos: aprendemos a viver em sociedade, a organizar o tempo, a tornar o corpo produtivo etc.

Duas imagens de escolas, intituladas “Le maitre d’école”, de Van Heemckerck (1687) e “Leçon d’écriture” (1900) possibilitam refletir sobre mudanças históricas no processo de escolarização e educação do corpo. As escolas, retratadas nessas imagens, são muito distintas. Mais de dois séculos separam-nas cronologicamente, mas, mais importante do que isso, é que entre elas há a consolidação de uma tecnologia, chamada de poder disciplinar (FOUCAULT, 1995), que, a partir do final do século XVII, irá organizar a vida social moderna, produzindo e estruturando, entre outras instituições, a escola. Progressivamente, a educação das crianças deixa de ser realizada em espaços privados ou religiosos, para ser institucionalizada dentro de um espaço especialmente voltado para a educação, ao qual se deu o nome de escola. Esta passa a ser regida por uma série de mecanismos de organização do tempo e do espaço, incorporando o exame como uma importante estratégia educativa, instituindo técnicas de vigilância cada vez mais eficazes e adotando uma série de sanções normalizadoras a fim de, simultaneamente, educar e normalizar.

A disciplina, aqui entendida a partir de um importante pensador contemporâneo, Michel Foucault (1995), estrutura a escola a partir da modernidade. O fim principal da disciplina é o aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo. Ela busca fabricar corpos dóceis e úteis, aumentando suas forças em termos de utilidade e diminuindo-as em termos políticos.

Entre a primeira e a segunda imagem se dá a evolução e constituição da sala de aula moderna (DUSSEL e CARUSO, 2003). A pintura de 1687 – “O mestre de escola” – retrata um espaço bem diferente do espaço das salas dos dias de hoje. Trata-se de um espaço não organizado de forma especializada para o ensino. Daí a dificuldade de concentrar o foco no professor e no que está sendo ministrado. Pode-se notar a dispersão e a indisciplina de alunos e alunas. Também é notável o agrupamento de estudantes com diferentes faixas etárias. O mestre ergue o que parece ser uma palmatória na tentativa de impor sua autoridade.

Os meninos da fotografia de 1900 estão uniformizados, agrupados numa mesma faixa etária, sentados em carteiras individuais enfileiradas, focados na mesma atividade e no professor executando



simultaneamente um mesmo movimento. A data escrita no quadro negro indica um controle do tempo. A aula ocorre em um espaço especialmente projetado e planejado para esse fim. A frase escrita em francês na lousa expressa de forma emblemática o contraste entre as duas escolas – “Plus fait douceur que violence” – “Docilizar mais que usar a violência”.

Entre as duas escolas, mais que uma distância cronológica de mais de 200 anos, temos a consolidação de uma tecnologia pedagógica de governo das crianças e adolescentes. Enfim, as duas escolas são muito diferentes entre si e marcaram os corpos de quem as frequentou de formas distintas.

Walter Kohan (2003, p. 80) afirma: “O que um sujeito é não está dissociado da experiência de si mesmo que é induzido a ter numa instituição como a escola.” A experiência de um sujeito na escola é condicionada por várias dimensões – perceptiva, discursiva, moral, cognitiva e de governo. Assim, o que ele percebe, diz, julga, pensa e faz numa escola está imerso num complexo jogo de práticas discursivas e não discursivas que geram as condições para que tenha certa experiência de si, que o constitui como sujeito.

Em um belo texto intitulado “O corpo aprendiz”, Roseli Fontana (2001) retoma experiências vividas como aluna que a constituíram, educando consciente e inconscientemente seu corpo aprendiz. Ela inicia o texto relatando sua experiência com as aulas de educação física, nas quais, sob o olhar escrutinador da professora, que examinava e corrigia constantemente seus gestos, postura e movimentos, seu corpo era tornado visível em sua negatividade. Se de início ela tentava aceitar e acertar, com o tempo, “o desejo de aprender foi definhando” (FONTANA, 2001, p. 42). As aulas de educação física tornaram-se um doloroso dever, ao qual ela resistia, chegando atrasada, não participando da aula etc.

Recusando essa experiência, a autora passou a viver e a sentir seu corpo através dos textos e da experiência de leitura vivida na escola e no espaço doméstico. Seu texto mostra como sua formação como mulher-professora foi se constituindo como aprendizado mais do que como escolha. “Enquanto a escolha reveste-se de um caráter de deliberação, de controle consciente das possibilidades, demarcando o percurso, instaurando os limites entre o antes e o depois de ter sido feita, o aprendizado evoca uma idéia de movimento continuado de elaboração e de re-elaboração dos significados e sentidos das atividades humanas em cada um de nós, nas relações sociais que somos.” (FONTANA, 2001, p. 50-51)

Finalizando

Ao longo desse trabalho, o corpo foi pensado como sendo constituído pelo tempo e pelo contexto. O corpo não é algo fixo e invariável, mas constituído histórica, social e culturalmente por práticas e discursos.

A escola e a educação física, na medida em que educam os corpos, também os constituem. O poder disciplinar marca a organização da escola moderna, perpassando sua arquitetura, a forma de organizá-la e as práticas educativas como um todo. As estratégias de vigilância, as seriações, os exames e as sanções mostram a estrutura disciplinar da escola, a qual tem efeitos não apenas na aquisição de conhecimento, mas também na constituição dos sujeitos que dela fazem parte.

Referências Bibliográficas

DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.



FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir – nascimento da prisão**. 12 ed. Trad. De Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1995. 280 p.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Ed., 1989.

KOHAN, Walter. **Infância entre a educação e a filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MARTINS Carlos José. Entrevista. **Revista E**. São Paulo: Sesc. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=394&Artigo_ID=6042&IDCategoria=6960&reftype=2 Acesso em: 09.04.2011.

SOARES, Carmen L. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, supl. 2, p. 6-12, 1996. Disponível em: <http://boletimef.org/biblioteca/2770> Acesso em: 18.04.2011.

_____. Quando a roupa educa o corpo. **Jornal da UNICAMP**, Unicamp-Campinas, p. 9, 24 nov. 2010.

VIGARELLO, Georges. **Le corps redressé**. (1979) Paris, Armand Colin, 2001, 224 p.

Endereços para correspondência:

Helena Altmann
UNICAMP / FEF/
Departamento de Educação Física e Humanidades
Av. Érico Veríssimo, 701
Cidade Universitária
13083-080 – Campinas – SP – Brasil
altmann@fef.unicamp.br

Carlos José Martins
UNESP
Instituto de Biociências de Rio Claro - Departamento de Educação Física.
Av. 25A, 1515
13506-900 - Rio Claro, SP – Brasil
carlosjmartins@hotmail.com